

Reinterpretação ao conceito de evolução em Élisée Reclus

João Gabriel da Fonseca Mateus

da Universidade Federal de Goiás - Goiânia - Goiás - Brasil

joaogabriel_fonseca@hotmail.com

Resumo: Élisée Reclus, geógrafo e anarquista francês, foi militante nos principais conflitos do século XIX (entre eles, a Comuna de Paris de 1871 e a Federação Jurassiana) e atualmente, é um dos mais importantes escritores do anarquismo. Os escritos de Reclus foram mal interpretados por diversos de seus “seguidores” em que atribuíram seu pensamento apenas como evolucionista. Os textos compilados e posteriormente chamados de *Evolução*, *Revolução* e o *Ideal Anarquista* é um destes escritos mal interpretados. Porém, uma leitura atenta do que ele chamou de “evolução” pode nos atentar para fatos de extrema importância à prática revolucionária. Esta comunicação visa apresentar uma (re) interpretação no conceito de “evolução” que está intrinsecamente ligado aos conceitos de “Revolução” e “Ideal Anarquista”. Assim, proporemos a leitura de que onde a “evolução humana”, para Reclus, passa fundamentalmente por grandes momentos de rupturas, não podendo ser confundido com o mesmo sentido dos hegelianos e positivistas contemporâneos ao geógrafo.

Palavras-chave: Élisée Reclus. Anarquismo. Evolução. Revolução.

INTRODUÇÃO

O anarquismo, entendido como uma ideologia socialista e revolucionária¹ situado historicamente ao longo de seu desenvolvimento assumiu debates entorno da questão da organização e sentido de suas lutas em mais diferentes contextos e, consecutivamente, teve diferentes posições estratégicas e interpretações díspares. Nas diferentes interpretações do anarquismo contemporâneo ainda se encontra a necessidade de uma nova retomada do pensamento anarquista que esteve engessado nas interpretações bolcheviques. Nessas interpretações, a memória leninista e ainda dominante sobre o anarquismo conseguiu eleger ao anarquismo, além de prisões e derramamentos de sangue, uma leitura dominante nas lutas dos trabalhadores a partir, sobretudo da historiografia, como uma inutilidade estéril. Este pequeno texto visa

¹ Nos baseamos na definição proposta por Corrêa (2011) e Schmidt e van der Walt (2009), onde o anarquismo é uma ideologia, um tipo de socialismo revolucionário, que surge “no século XIX colocando-se no campo social (...). O anarquismo não pode ser considerado uma ciência, apesar de utilizar métodos racionais para a leitura da realidade – posicionando-se contra a exploração e a dominação – para a criação de uma perspectiva de sociedade futura e também para o estabelecimento de estratégias e táticas. (...) Como objetivo, o anarquismo propõe a criação de um socialismo autogestionário e federalista, sem capitalismo e sem Estado, que concilie a liberdade individual, a liberdade coletiva e a igualdade” (CORRÊA, 2011, p. 47).

superar esta memória esquemática dominante, propondo a (re) interpretação do conceito de “Evolução” do anarquista francês Élisée Reclus.

Temos, portanto, o primeiro passo a ser cumprido é: atualizar o pensamento anarquista na contemporaneidade negando as interpretações esquemáticas e reducionistas sobre o próprio anarquismo. Quais foram as influências que Reclus sofreu no século XIX? Se entendermos o entrelaçamento histórico e social, situando sua obra em um contexto histórico juntamente com as categorias utilizadas pelo autor, podemos compreender os aspectos mais profundos de sua produção.

Reclus considerava as condições históricas da emergência de novas formas feitas pelas ações humanas como algo fundamental na sociedade. Ele pensava a transformação e mais que isso, pensava a destruição de dogmas e pensamentos cristalizados. Portanto, ler um autor do século XIX pressupõe entender seu contexto histórico e o nosso, quando elegemos uma nova leitura. Reclus também era enfático ao afirmar que o “novo” diferia radicalmente do que já existia. Romper radicalmente com o que era dado era necessário, o que lhe possibilitava pensar na criação de uma sociedade radicalmente inovadora. É nesse sentido que a busca de uma (re) interpretação do conceito denominado “evolução” se torna importante. Antes de entrarmos na discussão conceitual, consideramos pertinente situar historicamente o autor e sua trajetória para chegarmos ao objetivo de nosso texto: o que Élisée Reclus compreende como *evolução*? Como esse conceito elementar na construção intelectual de seu pensamento está indissociável de outros conceitos, tais como, *revolução* e *anarquia*?

BREVE BIOGRAFIA DE ÉLISÉE RECLUS

Jean Jacques Élisée Reclus, natural de Sainte-Foy-la-Grande, França, nasceu em 15 de março de 1830. De educação protestante, ingressa na Universidade de Berlim sendo aluno de Karl Ritter² no ano de 1851 aos vinte e um anos. Em dezembro do mesmo ano, Reclus retorna a França para tentar impedir o golpe de Estado de Luís Napoleão e sua proclamação como Imperador da França. Em 1855, com o objetivo de conhecer a América do Sul viajou a Colômbia retornando a França após dois anos.

Assim como seu irmão, Reclus foi estudar teologia para se tornar pastor, porém, a negação do sacerdócio foi sem dúvida um dos elementos que levaram Reclus a

² Nascido no dia 7 de agosto de 1779 em Quedlinburg e faleceu em 28 de setembro de 1859 em Berlim. Foi um naturalista, nascido na Prússia, que contribuiu para a institucionalização da Geografia como “ciência”.

abandonar o pensamento religioso e abraçar o anarquismo. Em 1855 escreve a que ficou conhecida como sua primeira obra, *Voyage à la Sierra-Nevada de Sainte-Marthe* descrevendo sua viagem à Colômbia. Morou em Paris onde trabalhou como escritor, tradutor e geógrafo, colaborando para revistas e jornais como: *Les Temps Nouveaux*, *Le Tour de Monde*, *Revue Germanique*, *Revue des Deux Mondes*, *Revue politique et littéraire*, *Le Journal des Voyages* e o *Boletim da Sociedade Geográfica de Paris*.

Como militante anarquista ingressou em organizações como a Liga da Paz e da Liberdade, colaborou com o jornal *Le Révolté* militando com seu irmão Élié Reclus. Em 1868-1869 escreveu uma obra na área de geografia, que ficara conhecida mundialmente, intitulada *A Terra, descrição dos fenômenos da vida do globo* que constitui de forma geral um estudo de geografia física em dois volumes com um capítulo final dedicado ao ser humano e suas mais variadas relações (PALACIOS, 2010, p. 18).

Em 1870, se candidatou à Assembleia Nacional, mas, não conseguiu vencer as eleições. Neste mesmo ano, alistou-se como soldado para lutar na Guerra Franco-Prussiana que acabou com a derrota francesa, a anexação da Alsácia-Lorena pela Alemanha e a composição de um governo subserviente aos interesses alemães, que, motivaram Reclus a participar junto aos parisienses na organização da Comuna de Paris³, logo derrotada pelas forças francesas e alemãs. Foi preso durante a luta *communard* e foi condenado a prisão perpétua em Nova Caledônia. A prisão significava o rompimento de suas relações familiares, científicas e políticas, mas se iniciou um movimento da comunidade científica e intelectual que pressionou o governo francês, e decidiu pela comutação por um exílio de dez anos. Reclus já detinha grande influência no meio intelectual por suas contribuições à Geografia e sua aceitação no meio intelectual que fora fator que o salvou da prisão por mais tempo. Embora perseguido na França por sua militância anarquista, o geógrafo possuía renome internacional e desfrutava de sólida reputação no mercado editorial por suas publicações de geografia, o que veio a contribuir para sair da prisão perpétua.

³ Reclus diz sobre a Comuna: “Segundo o que meus companheiros contaram-me, tenho motivo para crer que em outros fatos da guerra, nossos chefes empenhados, ao menos aqueles que comandaram os primeiros combates, deram provas da mesma ininteligência e da mesma incúria. Talvez o governo da Comuna tivesse mais capacidade em outras matérias; em todo o caso, a história dirá que esses ministros improvisados permaneceram honestos ao exercerem o poder. Mas nós pedíamos-lhes outra coisa: ter o bom senso e a vontade que a situação comportava e agir em consequência (RECLUS, 1871, apud SAMIS, 2011, p. 342)”. Cf. SAMIS, Alexandre. *Negras Tormentas: o federalismo e o internacionalismo na Comuna de Paris*. São Paulo: Hedra, 2011. Ainda sobre a Comuna de Paris, diversas produções foram feitas, porém destacamos: SAMIS, Alexandre. *Negras Tormentas: o federalismo e o internacionalismo na Comuna de Paris*. São Paulo: Hedra, 2011. VIANA, Nildo (Org.). *Escritos Revolucionários Sobre a Comuna de Paris*. Rio de Janeiro: Rizoma Editorial, 2011.

Com essa pressão conseguiu sair da prisão e se exilou na Suíça. Em 1893, Reclus milita na Federação Jurassiana⁴. Ainda na Suíça, com um projeto de escrever a *Nouvelle Géographie Universalle* permaneceu em território suíço até 1889. Com o objetivo de escrever os livros, realizou intenso trabalho em bibliotecas e diversas viagens – em 1884, à Argélia, Tunísia e Egito; em 1885, à Hungria, Turquia e Ásia Menor; em 1886, à Itália; em 1889, retornou aos Estados Unidos e Canadá; em 1890, novamente aos Estados Unidos, África do Sul, Portugal e Espanha. Nesse mesmo ano, retornou a França. E em 1893, Reclus realizou a sua última grande viagem ao redor do mundo e teve como destino a América do Sul – conheceu o Brasil⁵, Argentina, Uruguai e Chile. A *Nouvelle Géographie Universalle* foi o resultado de vinte e dois anos de trabalho, cerca de dezessete mil páginas, aproximadamente quatro mil mapas e mais de mil gravuras divididas em dezenove grossos volumes editados e publicados no fim do século XIX (MYAHIRO, s/d, p. 5-6).

No ano seguinte, na Bélgica, participou do grupo de cientistas que fundou a Universidade Livre de Bruxelas, onde assumiu a cátedra e se tornou professor de geografia somente aos 64 anos de idade. Escreveu em 1897, *L'évolution, la révolution et l'idéal anarchique*⁶ – um livro em que esboça os seus pressupostos teóricos sobre o anarquismo. Escreveu *L'homme et la Terre* sua principal obra com 3.589 páginas em seis volumes. Foi nas suas últimas obras que aparecem as concepções anarquistas, já que ele sofria censura de várias editoras em relação a sua militância. “O Homem e a Terra” é a única obra de Reclus que não sofre interdições político-ideológicas dos editores, expõe com toda a liberdade sua visão anarquista da Geografia (MOREIRA, 2008, p. 49). Élisée Reclus morre em Thourout na Bélgica no ano de 1905.

EVOLUÇÃO INDISSOCIÁVEL DA REVOLUÇÃO E DO IDEAL ANARQUISTA

Compreendendo a trajetória (obviamente a biografia aqui descrita é limitada) de Élisée Reclus, vemos como seu pensamento é indissociável de sua prática como geógrafo. O estudo sobre o pensamento de Élisée Reclus nos remete pensar na sua

⁴ A Federação Jurassiana congregou todas as federações opositoras aos marxistas. Foi criada em 1871 por anarquistas dissidentes da AIT. Para mais informações: PRÉPOSIET, Jean. *História do Anarquismo*. Lisboa: Edições 70, 2005.

⁵ Ver tese de mestrado: DA SILVA, Robledo Mendes. *A influência de Élisée Reclus na Educação Operária no Brasil: das Ciências Naturais à Educação Integral*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010. Disponível em: http://www.4shared.com/get/pnVAYDtq/a_influncia_de_lise_reclus_na_e.html. Acesso em abril de 2012.

⁶ Tradução livre: A evolução, a Revolução e o Ideal Anarquista.

trajetória de vida para uma possível (re) atualização de seu pensamento, pois este esteve relegado a um ostracismo (no que tange sua participação na ciência da Geografia) devido sua militância política de sua época e em interpretações dogmáticas.

Para resgatar o pensamento de Élisée Reclus na construção de uma possível (re) interpretação do conceito de “evolução” será necessário reconstituir alguns conceitos elaborados pelo autor e que ao longo do processo histórico após sua morte, entrou em um emaranhado de interpretações problemáticas feitas por seus intérpretes. Nesse sentido, apresentaremos uma análise da obra de Jean Jacques Élisée Reclus principalmente sobre os conceitos de “evolução” e “revolução” (Reclus, 2002); Esses conceitos acima citados apresentam-se em relações intrínsecas e indissociáveis.

Para o autor, a sociedade burguesa aparece como a negação da vida humana com suas autoridades através da afirmação ou não da vida e da felicidade humana, que emergiam como parâmetro ético fundamental de seu pensamento. Com isso, suas produções não deixavam de abarcar a geografia e a militância anarquista, sendo estas indissociáveis. Vejamos a centralidade radical que Reclus deixava claro:

Queremos saber. Não admitimos que a ciência seja um privilégio, e que homens situados no cume da uma montanha, como Moisés, num trono, como o estoico Marco Aurélio, num Olimpo ou num Parnaso de papelão, ou simplesmente numa cadeira acadêmica, ditem-nos leis, vangloriando-se de um conhecimento superior das leis eternas (RECLUS, 2002, p. 51)

A noção de “evolução humana” para ele passava fundamentalmente por grandes momentos de rupturas (RECLUS, 2002, p. 114). Mas onde reside a necessidade da (re) interpretação do conceito de “evolução” para Reclus? Podemos considerar alguns fatores: primeiramente, a confusão entre o termo evolução para os positivistas e para Reclus; segundo, na própria necessidade de desse conceito para entender a revolução e o anarquismo. Uma leitura atenta do que ele chamou de “evolução” pode nos atentar para fatos de extrema importância à prática revolucionária. Sendo assim, a “evolução” para Reclus é,

(...) sinônimo de desenvolvimento gradual, contínuo, nas idéias e nos costumes, é apresentada como se fosse o contrário dessa assustadora, a Revolução, que implica mudanças mais ou menos bruscas na realidade. É com um entusiasmo aparente, ou mesmo sincero, que discorrem sobre a evolução, sobre os progressos lentos que se realizam nas células cerebrais, no segredo das inteligências e dos corações; mas que não lhes falem da abominável revolução, que escapa repentinamente dos espíritos para eclodir nas ruas, acompanhada, às vezes, por gritos da multidão e pelo estrépito das armas (RECLUS, 2002, p.29).

A questão da anarquia para Reclus vem imbuída de um olhar cientificista em que o mundo aparece de acordo com a necessidade de uma lei universal de evolução.

F. Sendo assim, para o próprio anarquista francês, o anarquismo é parte fundamental da própria evolução natural do mundo como finalidade do progresso humano. Sendo assim, o ideal de “evolução” do qual fala Reclus não deve ser confundido com a evolução dos positivistas e hegelianos.

Vejamos o que ele diz:

a evolução é o movimento infinito de tudo o que existe, a transformação incessante do Universo e de todas as suas partes desde as origens eternas e durante o infinito dos tempos (RECLUS, 2002, p.21).

Porém, o caráter revolucionário dessa evolução reside quando notamos que, a “evolução” toma um caráter de contraditoriedade, já que,

cada uma de suas evoluções realiza-se por um deslocamento de forças para um novo ponto. O movimento geral da vida de cada ser, em particular, e em cada série de seres não nos mostra em lugar nenhum uma continuidade direta, mas sempre uma sucessão indireta, revolucionária, por assim dizer. Um ramo não se acrescenta ao comprimento de outro ramo. A flor não é o prolongamento da folha, nem o pistilo do estame, e o ovário difere dos órgãos que lhe deram origem (*idem*, p. 27).

É notório que Élisée recebeu influências dos positivistas, principalmente no que tange a percepção sobre a razão e a ciência. Porém, o ideal de evolução no pensamento reclusiano é a determinação relacionada entre o desenvolvimento dos seres humanos (físicos e intelectuais) com a revolução (em prol da negação das autoridades e de qualquer forma de governo e na construção de uma sociedade socialista). Portanto, quando se diz desenvolvimento e evolução pressupõe a mesma coisa, pois evolução ao longo dos trabalhos historiográficos levou um sentido pejorativo de caminho progressivo que caminha a humanidade estabelecendo a diferença e a estratificação entre superiores e inferiores. Desmistificando o que Reclus entende por evolução,

A flor não é um prolongamento da folha, nem o pistilo do estame, e o ovário difere dos órgãos que lhe deram origem. O filho não é a continuação do pai ou da mãe, mas um novo ser. O progresso se faz por uma mudança contínua dos pontos de partida para cada indivíduo distinto. O mesmo acontece com as espécies (*idem*, p. 29).

Como afirmou Reclus,

De revolução em revolução o curso da história assemelha-se àquele de um rio estancado de espaço em espaço por comportas. Todo governo, todo partido vencedor tenta, por sua vez, represar a correnteza para utilizá-la, à direita e à esquerda, em suas pastagens ou sem seus moinhos. A esperança dos reacionários é que seja sempre assim e que o povo-ovelha deixe-se, de século em século, desviar de seu caminho, enganar por hábeis soldados, ou por advogados eloqüentes (*idem*, p. 38).

Para o geógrafo anarquista, a “evolução” e a “revolução” são dois atos sucessíveis de um mesmo fenômeno, a evolução precedendo a revolução, e esta

precedendo uma nova evolução, “mãe de revoluções futuras”. Sendo assim, ele rasga críticas aos evolucionistas reacionários que creem na “evolução das idéias” e que negam a experiência concreta da luta revolucionária. Ele diz:

Há, entretanto, espíritos indecisos que crêem honestamente na evolução das idéias, que acreditam vagamente numa transformação correspondente das coisas, e que, todavia, por um sentimento de medo instintivo, quase físico, querem, pelo menos em vida, evitar toda revolução. Eles a evocam e a conjuram ao mesmo tempo: criticam a sociedade atual e sonham com a sociedade futura como se ela devesse surgir repentinamente, por um, tipo de milagre, sem que o mínimo estalido de ruptura produza-se entre o mundo passado e o mundo futuro (idem, p. 23).

Existe outro tipo de evolucionistas, os que perdem o sentido final da evolução, como mero pensamento específico desligado do campo social, que é a revolução. Para ele uma outra classe,

de evolucionistas é a das pessoas que, no conjunto das mudanças a se realizarem, vêem apenas uma única, e consagram-se estritamente, metodicamente, à sua realização, sem se preocupar com outras transformações sociais. (...) A pretexto de consagrar seus esforços a uma reforma de realização vindoura, perdem de vista por completo todo seu ideal superior e o rejeitam até mesmo com cólera, a fim de eu não sejam suspeitos de compartilhá-lo (idem, p. 24).

Estes evolucionistas só querem conservar a sociedade privilegiada já que “é uma quimera esperar que a Anarquia, ideal humano, possa emanar da República” ((idem, p. 83). Para tal efeito de conservação ligam-se aos dogmas sendo estes a peça fundamental de organização e princípios, por exemplo, o Estado e a Igreja. Para Reclus, todos os reacionários ligam-se aos ideais religiosos,

Se os contramestres e os guardas campestres ou florestais, os soldados e o pessoal da polícia, os funcionários e os soberanos não inspiram ao popular um terror suficiente, não se deve apelar a Deus, aquele que recentemente dispunha das torturas eternas do Inferno, das provações mitigadas do Purgatório? Invocam-se seus mandamentos e todo o aparelho da religião que reivindica sua autoridade (idem, p. 102).

É neste ponto fundamental que podemos diferenciar Reclus dos evolucionistas do seu contexto. O caráter de ruptura é central em seu pensamento. A desmistificação de seu pensamento é fundamental, pois sendo influenciado por Karl Ritter, como citamos anteriormente, não quer dizer que Reclus absorveu seu pensamento de forma una e a-crítica. Sendo assim, conclui,

Os imensos progressos já realizados dão-nos confiança do futuro. Mas vós, que desesperais, invocai de novo o Cristo redentor, com seu paraíso onde só alguns eleitos ouvirão o canto das violas durante os séculos dos séculos, enquanto no inferno, os bilhões e bilhões de malditos arderão para sempre! (RECLUS, 2011, 78-79)

Mas, uma questão que pesa na concepção de Reclus sobre a evolução é que esta nem sempre é boa para o desenvolvimento da humanidade para sua emancipação, pois “tudo muda, tudo se move na natureza, em um movimento eterno, mas, se poder haver progresso, pode também existir retrocesso” (idem, p. 29). O que leva a evolução ser benéfica é a questão de ela ser anárquica. Portanto, a ação é fator preponderante nessa posição desde que o acontecimento histórico e social dever ser transformador para que a boa evolução se realize.

O pensamento evolucionista de Reclus se confundido com o mecanicismo positivista leva à “(...) Anarquia encarada como a transformação das ideias que evoluem superando as ideias passadas, levando a verdadeira revolução, assim como todos os outros elementos naturais e sociais que seguem a lógica de uma mesma lei Universal”. “Essa lei Universal consistiria na construção de um pensamento esquemático e generalista apontando os elementos sociais sem suas (...) diferenças fundamentais que exijam um tratamento diferente entre os minerais e a filosofia por exemplo” (BONOMO, 2007, p. 325).

CONCLUSÃO

À guisa de conclusão podemos identificar os elementos que justificam essa (re) interpretação no pensamento de Reclus. O objetivo dos evolucionistas “é conhecer a fundo a sociedade ambiente que eles reformam em seu pensamento. Em segundo lugar, devem buscar dar-se conta precisamente de seu ideal revolucionário” (RECLUS, 2002, p. 67).

Assim, o homem que quer desenvolver-se como ser moral deve defender exatamente o contrario do que lhe recomendam a Igreja e o Estado: ele deve pensar, falar, agir livremente. Estas são as condições indispensáveis de todo o progresso (...) a plena e absoluta liberdade de exprimir seu pensamento em todas as coisas, ciência, política, moral, sem outra reserva alem daquela de seu respeito por outrem (RECLUS, 2002, p. 74-75).

É nesse sentido que a noção de uma evolução revolucionária colocará a queda do capital e esta só poderá emanar das forças que promovem o trabalho e produzem a riqueza social. Essa evolução deve vir a partir das necessidades individuais no coletivo na maneira que possibilite a emancipação humana abolindo o capitalismo e a sociedade de classes.

A emancipação social integral só poderá desenvolver com as formas de auto organização em que não se apoiam em governos e caminham para auto libertar-se. Essa

proposta sobre o pensamento de Reclus está com tal intuito, visa contribuir para a luta revolucionária socialista libertária, desmistificando elementos engessados no anarquismo histórico.

REUNDERSTANDING TO CONCEPT OF EVOLUTION IN ÉLISÉE RECLUS

Abstract: Elisée Reclus, a french anarchist and geographer, was an active militant in the main conflicts of the XIX century, such as the Commune of Paris of 1871 and the Jurassian Republic, and currently is one of the most important writers of anarchism. Reclus' writings were badly read by many of his "followers", understanding his thinking as merely evolutionist. The compiled texts, later called *Evolution, Revolution and the Anarchist Ideal* are one of these writings. But a deeper reading of what he called "evolution" can bring us to extremely important facts of revolutionary practice. This communication intends to bring a re-interpretation in the concept of "evolution" that is intrinsically tied to the concepts of "Revolution" and "Anarchist Ideal". That way, we propose the understanding of "human evolution", for Reclus, fundamentally means great ruptures, not allowing confusion whit the views of the Hegelian contemporaries of the geographer.

Key words: Élisée Reclus. Anarchism. Evolution. Revolution.

REFERÊNCIAS

BONOMO, Alex Buzeli. *O Anarquismo em São Paulo: as Razões do Declínio (1920 – 1935)*. São Paulo, PUC-SP, 2007.

CAMPOS, R. R. O Anarquismo na geografia de Élisée Reclus. In: *Élisée, Rev. Geo. UEG - Porangatú*, v.1, n.1, p.1-26, jan./jun. 2012.

CORRÊA, Felipe. *Ideologia e Estratégia: Anarquismo, Movimentos Sociais e Poder Popular*. São Paulo: Faísca, 2011.

MIYAHIRO, Marcelo Augusto. *A viagem científica de Élisée Reclus ao Rio de Janeiro da Primeira República*. São Paulo. Disponível em: http://enhpgii.files.wordpress.com/2009/10/texto_marcelo_augusto_miyahiro.pdf. Acesso em: abril de 2012.

MOREIRA, Ruy. *O Pensamento Geográfico Brasileiro: as matrizes clássicas originárias*. Vol.1. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

PALACIOS, David Alejandro Ramírez. *Élisée Reclus e a Geografia da Colômbia: cartografia de uma interseção*. São Paulo: Editora da USP, 2010.

PELLETIER, Philippe. A cidade e a Geografia urbana em Élisée Reclus e sua época. In: RECLUS, Élisée. *Renovação de uma cidade. Repartição dos homens*. São Paulo: Expressão & Arte, Editora Imaginário, 2010d.

RECLUS, Elisée, KROPOTKIN Piotr. *Escritos sobre Educação e Geografia*. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2011b.

RECLUS, Élisée. *A evolução, a revolução e o ideal anarquista*. São Paulo: Imaginário e Expressão & Arte, 2002.

RECLUS, Élisée. *A evolução, a revolução e o ideal anarquista*. São Paulo: Imaginário/Expressão & Arte, 2002.

RECLUS, Élisée. *Anarquia pela educação*. São Paulo: Hedra, 2011.

RECLUS, Élisée. *Anarquia pela educação*. São Paulo: Hedra, 2011a.

RECLUS, Élisée. *Da Ação Humana na Geografia Física. Geografia Comparada no Espaço e no Tempo*. São Paulo: Expressão & Arte/ Editora Imaginário, 2010c.

RECLUS, Élisée. *Do sentimento da natureza nas sociedades modernas*. São Paulo: Expressão & Arte, Editora Imaginário, 2010b.

RECLUS, Élisée. *L'Anarchie*. Bruxelas, 1895. Disponível em: <http://raforum.info/reclus/spip.php?article20&lang=fr>.

RECLUS, Élisée. *O Homem e a Terra – Educação*. São Paulo: Imaginário/ Expressão & Arte, 2010.

RECLUS, Élisée. *O Homem e a Terra – Educação*. São Paulo: Imaginário/Expressão & Arte, 2010a.

RECLUS, Élisée. *O Homem e a Terra – O Estado Moderno*. São Paulo: Imaginário/Expressão & Arte, 2010e.

RECLUS, Élisée. *Renovação de uma cidade. Repartição dos homens*. São Paulo: Expressão & Arte, Editora Imaginário, 2010d.

RECLUS, Élisée. *Pourquoi nous sommes anarchistes*. In: *La Société Nouvelle*, le 31 août 1889. Disponível em: <http://raforum.info/reclus/spip.php?article5&lang=fr>.

RECLUS, Élisée; RECLUS, Paul. *L'Anarchie et l'Église*. In: *Novos Tempos*, vol. III(no. 19-20), p. 158-161. Paris, 1900. Disponível em: <http://raforum.info/reclus/spip.php?article19&lang=fr>.

ROQUE, Georges; CREAGH, Ronald; PELLETIER, Philippe; STEELE, Tom. *Élisée Reclus e a Geografia das Liberdades*. São Paulo: Expressão & Arte, Editora Imaginário, 2011.

SAMIS, Alexandre. *Negras Tormentas: o federalismo e o internacionalismo na Comuna de Paris*. São Paulo: Hedra, 2011.

SAMIS, Alexandre. *O anarquismo de Proudhon a Malatesta*. (Online), 2009. Disponível em: http://bpi.socialismolibertario.com.br/biblioteca/samis_alexandre_-_o_anarquismo_de_proudhon_a_malatesta_-_bpi.pdf. Acesso em agosto de 2012.

SOBRE O AUTOR

JOÃO GABRIEL DA FONSECA MATEUS – É Licenciado em História pelo Instituto Federal de Goiás (IFG); especialista em História Cultural pela Universidade Federal de Goiás (UFG), mestrando em História na UFG. Atualmente é professor de História na Rede Privada de Ensino em Goiânia. É autor dos livros: *Escritos sobre a Imprensa Operária da Primeira República* (Pará de Minas: Virtual Books, 2013) e *Educação e Anarquismo: Uma perspectiva libertária* (Rio de Janeiro: Rizoma Editorial, 2012).

Recebido para avaliação em 10 de Novembro de 2013

Aceito para publicação em 20 de Dezembro de 2013